



Significação: revista de cultura  
audiovisual

E-ISSN: 2316-7114

significacao@usp.br

Universidade de São Paulo  
Brasil

dos Santos Carvalho, Noel  
Pesquisa aborda a comunicação insurgente do hip-hop  
Significação: revista de cultura audiovisual, vol. 39, núm. 38, julio-diciembre, 2012, pp.  
302-310  
Universidade de São Paulo  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=609766000014>

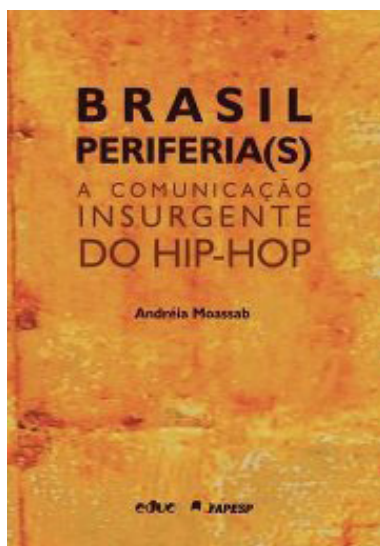
- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Pesquisa aborda a comunicação insurgente do *hip-hop*

Noel dos Santos Carvalho<sup>1</sup>



## Resenha

Moassab, A. *Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop*. São Paulo: Educ, 2011.

1. Professor adjunto do curso de audiovisual do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe e pesquisador convidado do Departamento de Multimeios da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: [noelsantoscavalho@yahoo.com.br](mailto:noelsantoscavalho@yahoo.com.br)



No livro *Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop*, a autora, Andréia Moassab, analisa o papel do movimento *hip-hop* como uma força insurgente contra a tendência homogeneizadora da cultura contemporânea. Esta resenha é uma reflexão crítica sobre os principais pontos da obra.

Comunicação, arte, cultura, *hip-hop*, juventude.

In *Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop* [Brazil periphery: hip-hop's insurgent communication], Andréia Moassab examines hip-hop's role as an insurgent force against the homogenizing tendency of contemporary culture. This review is a critical reflection about many important points in the work.

Communication, art, culture, hip-hop, youth.

Desde o seu surgimento, em meados dos anos 1980, a cultura *hip-hop* atraiu a atenção de estudiosos e ativistas. Nas ciências sociais, foi a antropologia que, interessada na heterogeneidade e nas práticas de construção simbólica engendradas pela dinâmica cultural, primeiro forneceu a maior parte do instrumental teórico para o estudo do tema. Já os ativistas dos movimentos sociais e negro, externos ou não ao *hip-hop*, buscaram cooptá-lo para partidos, ONGs, sindicatos e governos. A relação entre a arte e a política é uma questão em que se debatem os integrantes do movimento ainda hoje (FELIX, 2005).

A partir dos anos 1990, e mais acentuadamente nos anos 2000, a relação entre o *hip-hop*, a pesquisa e o ativismo sofreu uma inflexão. Os pesquisadores oriundos do movimento, ou neófitos convertidos às suas causas e dilemas, ingressaram na universidade e passaram a estudá-lo. Agora a partir não apenas das disciplinas das ciências sociais mas também das áreas da pedagogia, artes, letras, literatura e comunicação. Ao conceitual analítico das ciências sociais foram então acrescidas novas reflexões, o que ampliou o entendimento sobre o fenômeno e, concomitante, legitimou o *hip-hop* como objeto de pesquisa acadêmica — assim como se dera antes com os negros, as classes sociais e as populações indígenas.

Não é exagero afirmar que, em pouco mais de uma década, o *hip-hop* passou de cultura juvenil urbana a constructo científico, isto é, um campo discursivo elaborado por dentro e por aqueles que são de dentro do movimento para pensar o social, a cultura, a arte etc. Somada ao inevitável envelhecimento biológico e a certo

acomodamento burguês, a entrada na universidade não foi gratuita e cobrou o seu quinhão. Se a tensão nativa expressa no binômio arte versus política, que marcou os tempos heróicos do movimento, arrefeceu nas ruas, na academia, ela ressurgiu através do binômio ciência versus política. Debate esse não menos tenso e exigente, pois inscrito em um campo com regras e poderes constituídos: o campo científico. Em bom português, é possível tomar a cultura, as práticas e a arte do *hip-hop* para construir instrumentos teóricos analíticos e conceituais para pensarmos o social? É sabido que os movimentos sociais “se pensam”, mas qual a validade científica desse pensamento para compreender a sociedade?

O livro *Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop*, de Andréia Moassab, originalmente sua tese de doutoramento defendida em 2008 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, abre para uma reflexão nesse sentido. Primeiro porque, como o título sugere, a comunicação como forma política está no centro da sua abordagem. Depois, porque a autora assume falar não apenas de dentro do *hip-hop* mas também ao seu lado, isto é, assume a posição dos seus principais protagonistas. Como coloca José Luiz Aida Prado (p. 11) na apresentação da obra, “a investigação científica se torna *política* no melhor dos sentidos: de ouvir a voz de quem não tem voz nas superfícies midiáticas”. Política aqui não é a dos palácios, tampouco a dos partidos em disputas, mas aquela realizada no cotidiano das relações entre os homens contra a naturalização das formas de poder e de produção das desigualdades.

Este trabalho busca discutir os processos de resistência realizados em ações de milhares de jovens do hip-hop que no mundo contemporâneo participam ativamente na produção de conhecimento e na ressignificação das periferias brasileiras. Nos últimos anos, o movimento hip-hop amadureceu e se consolidou como uma das grandes forças político-culturais no país, somando voz às demandas de diversos outros movimentos sociais. Esses setores sociais organizados estão pouco a pouco conquistando

resultados concretos para as suas demandas: a produção cultural da periferia, a luta pela reforma urbana ou a produção econômica dos catadores de material reciclável. O hip-hop, nesse cenário, é uma voz que se impõe em face das construções simbólicas homogeneizantes produzidas pelo pensamento dominante, no qual estamos imersos nos últimos tempos, em torno de valores e da criação de desejos em concordância estrita com aqueles do sistema econômico hegemônico (p. 17).

O *hip-hop* nessa perspectiva não é reflexo superestrutural; é o movimento social em si, produtor de conhecimento e, nos termos de Moassab, “com capacidade de empoderamento com fins à emancipação social da população que habita as periferias das grandes cidades brasileiras” (p. 29). Empoderar é a capacidade que os indivíduos ou os grupos adquirem de definir suas próprias agendas, alargando suas esferas de poder. A comunicação enquanto política insurgente está no cerne do empoderamento.

Ela explica ainda que o sentido primeiro do termo comunicação remete à comunhão (do verbo latino *communicare* originam-se comungar e comunicar) e a comunitário. Assim, a comunicação insurgente realizada pelo movimento *hip-hop* recupera esse sentido de comunhão e compartilhamento dos saberes da comunidade de forma horizontalizada.

No hip-hop se estabelece uma comunhão em que todos produzem conhecimento num movimento pluridirecional de adição, de soma de várias partes. No hip-hop, há produção de sentidos e partilha, há designação e produção de realidades (p. 190).

O livro se estrutura em três partes, assim agrupadas: espaço-território; resistência-empoderamento-emancipação e comunicação contra-hegemônica. Na primeira parte, o objetivo é destacar a relação do *hip-hop* com os espaços urbanos segregados e com os grupos sociais excluídos. Em seguida, demonstra como o movimento se articula com demandas de outros grupos sociais, como os negros, jovens, indígenas, moradores da periferia etc. Finalmente, aborda o



de sentidos, desloca seus sujeitos do lugar do oprimido, da voz hierarquicamente inferior quando posta diante das vozes hegemônicas, para dar-lhes uma voz ativa, ressignificando os territórios onde é produzido. A ressignificação simbólica da periferia, do pobre e do negro acontece num embate estrategicamente difuso que permeia todos os lugares (p. 103).

No entanto, se o livro acerta ao destacar o papel do *hip-hop* na humanização da periferia, falha ao não explorar em profundidade sua relação com outros atores sociais fundamentais desse processo, como as escolas públicas, os professores, as igrejas e as associações de moradores.

De fato, o *hip-hop* foi execrado pela mídia, mas, em muitas escolas públicas, foi protegido e incentivado por professores e diretores. O próprio discurso crítico de vários dos ativistas deve muito ao capital escolar, inclusive no que têm de maniqueístas. Ademais, a tensão com a mídia também precisa ser revista. A crítica mostra-se esvaziada quando vemos artistas do movimento, como MV Bill, na maior rede de televisão do país. O *hip-hop* foi incorporado a um estilo de vida juvenil e integrado ao consumo através de revistas que vendem bonés, bermudas, skates, CDs etc.

Objetos novos como o *hip-hop* são desafios para pesquisadores e exigem novas interpretações da bibliografia — inclusive dos clássicos. Do contrário, há o risco de se construir uma moldura “teórica” dura, que não permite perceber as ambiguidades e tensões. A análise das letras do *hip-hop* é um bom exemplo. Moassab identifica machismo, misoginia e homofobia nas rimas. À lista poderíamos acrescentar outros comportamentos regressivos, como ressentimento social, conservadorismo moral, arrivismo social, individualismo etc. As escolhas da autora informam um viés de abordagem do *hip-hop* que se por um lado o explica, revelando dimensões invisíveis, por outro, oculta aspectos, digamos, menos nobres, mas não menos verdadeiros.

Curiosamente Moassab dá parte da resposta, tanto para essa questão quanto para a que formulei acima. Ela sugere que as ciências humanas incorporem os diversos conhecimentos de grupos



até então negligenciados (p. 302-307). Ou seja, uma ciência aberta, permeável aos saberes de povos e grupos que na maioria das vezes comparecem como objeto do discurso científico. Evidentemente, não podemos descartar uma abordagem e um método resolutamente críticos sobre todas as conjecturas, inclusive as do *hip-hop*.

Finalmente, cabe aqui um cuidado de resenhista. Um livro traz sempre a possibilidade ou potencialidade de ser entendido, compreendido e interpretado, ou mal compreendido e mal interpretado. Como sugere o filósofo Karl Popper (2010, p. 66), “raro é o homem que lê um livro e o compreende perfeitamente”.

## Referências

FELIX, J. B. J. *Hip-hop: cultura e política no contexto paulistano*. Tese (Doutorado em antropologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

POPPER, K. *Textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC, 2010

PRADO, J. L. A. “Hip-hop ou a tensão da voz buscada”. In: MOASSAB, A. *Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop*. São Paulo: Educ, 2011.

*submetido em: 5 out. 2012 | aprovado em: 2 dez. 2012*